



Prêmio Salvador
Celia

AUTO BIOGRAFIA



Primeira
Infância
Melhor



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA SAÚDE

Experiências de atenção e cuidado
com a infância que transformam
histórias de vida

XVI Semana Estadual do Bebê VIII Prêmio Salvador Celia

Modalidade: Autobiografia

“...podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo, a partir da própria experiência nele vivida” Guitfreind, Celso (org.) A Obra de Salvador Celia, Porto Alegre: Artmed, 2013, pg. 81

Esta publicação é resultado da premiação referente ao concurso cultural Prêmio Salvador Celia - 8ª edição concedido pela Secretaria Estadual da Saúde (SES) do Rio Grande do Sul, através do Departamento de Ações em Saúde, por intermédio do Primeira Infância Melhor (PIM) e da Coordenação Estadual da Atenção Básica, como parte das comemorações que marcam a Semana Estadual do Bebê. Foram premiados um visitador do PIM/PCF e um agente comunitário de saúde (ACS) de cada macrorregião de Saúde do estado com inscrições válidas.

Os trabalhos contêm narrativas que retratam histórias reais do cotidiano de suas ações como profissionais responsáveis pela visita domiciliar, demonstrando o dia a dia nas orientações de cuidado e proteção junto às famílias.

O Prêmio é uma homenagem ao Dr. Salvador Celia, reconhecido psiquiatra infantil, que dedicou parte da sua vida a estudar e promover ações de cuidado a bebês, crianças e famílias.

A premiação visa promover a integração das Políticas de Atenção Básica e reconhecer publicamente as práticas de profissionais responsáveis pela visita domiciliar nos territórios.

Crônicas Premiadas

Visitador

O Visitador do PIM tem formação específica para atuar na promoção do desenvolvimento integral na primeira infância e suporte permanente de uma equipe transdisciplinar.

Seu trabalho estimula a participação ativa das famílias no desenvolvimento de suas crianças e o fortalecimento dos vínculos afetivos familiares.

Primeira Infância Melhor / Programa Criança Feliz

Política pública pioneira no Brasil, o Primeira Infância Melhor (PIM) é uma ação transversal de promoção do desenvolvimento integral na primeira infância realizada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Desenvolvida desde 2003, tornou-se Lei Estadual n.º12.544 em 03 de julho de 2006.

Tem como objetivo orientar as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças, desde a gestação até os seis anos de idade. Compõe os projetos prioritários da Secretaria Estadual da Saúde, além de integrar programas estratégicos do Governo do Estado. É um dos pilares para iniciativas do Governo Federal sendo reconhecido como uma das tecnologias sociais mais consistentes para o cuidado com as infâncias na América Latina.

No Rio Grande do Sul, o Programa Criança Feliz (PCF) e o Primeira Infância Melhor (PIM) caminham juntos na sensibilização, articulação, implantação e execução de ambos os programas, bem como estabelecem construções conjuntas envolvendo profissionais da Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos (SDSTJDH), Secretaria da Educação (SEDUC) e da Secretaria da Saúde (SES).

O PIM está colocado como executor metodológico do PCF no Estado e capacita, assessora, apoia na elaboração de materiais e na proposição de estratégias, sendo tomado como referencial pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) para aspectos importantes como a Estrutura e Metodologia da Visita Domiciliar, entre outros.

A essência de uma borboleta

Macrorregião: Metropolitana - PIM
Autora: Fabiana Borges dos Santos
Município: Gravataí

Há quem diga que as experiências surgem com o tempo ou que elas são formadas através dos momentos vividos, que por fim, ditarão a pessoa que me tornarei. As modificações que acontecem entre as diferentes fases da vida são necessárias para que eu consiga evoluir, além de contribuir na minha transformação pessoal, do mesmo modo como ocorre com uma borboleta.

Sou acadêmica do quinto semestre de nutrição, moro na região metropolitana de Porto Alegre, ainda não tenho uma casa própria e algumas vezes sou considerada muito jovem para sofrer tais transformações, afinal, tenho apenas vinte e um anos. No entanto, minha história já é modificada pelo meu âmbito familiar em razão de possuir um jeito diferente de me comunicar com meus pais: eu não uso a fala, uso as mãos. Meu pai, homem forte e íntegro, é surdo e mudo. Já minha mãe, possui uma deficiência auditiva que não a impede de ser uma mulher exemplar. Além disso, tiveram na própria família um suporte para minha educação, ensinando-me os princípios de valores, caráter e estimulando minha fala. Às vezes, nossa comunicação chega a ser engraçada, visto que as expressões faciais demonstram o que os gestos tentam esconder.

É preciso ter calma e ao mesmo tempo muita rapidez, pois meu cérebro necessita processar rápido o que o coração quer dizer por meio dos movimentos. Realizar tarefas consideradas fáceis não são tão simples quando ninguém te entende, demandando um maior esforço para que as batalhas diárias sejam vencidas. Logo, precisei, desde o início da minha vida, me adequar a uma sociedade que sugere a inclusão, mas não está preparada para isto. Meus genitores são exemplos de superação, força e empenho, mostrando-me que mesmo com suas limitações a vida, pode ser recheada de amor.

Em outra ocasião, conheci uma mulher em especial, na qual o destino tratou de nos unir. Com um relacionamento estável e residindo em Gravataí junto ao esposo ouvinte, uma mãe surda e muda dá a luz a um bebê. Logo após, é diagnosticada com "Psicose Puerperal", o que



poderia prejudicar os cuidados ao recém-nascido no primeiro momento. O Programa Bebê Saúde/PIM (do qual faço parte) inicia o acompanhamento com o objetivo de acolher, ouvir e orientar a genitora.

Durante as visitas foi possível verificar bom vínculo entre os dois, ambiente adequado para o desenvolvimento do menor e grande preocupação da mãe pelo bem-estar do mesmo. Entretanto, já relatei que nem tudo é tão simples, principalmente para quem possui algum tipo de limitação, e devido alguns acontecimentos, acrescido do diagnóstico errôneo e de uma comunicação ineficaz entre a rede de serviços, o filho acabou sendo afastado da mãe, ficando sob os cuidados da família paterna. Por este mesmo diálogo incorreto, genitora ficou sem compreender o acontecido e no que isto influenciaria a sua vida. Em nossos encontros, por meio dos gestos, ela afirmava que tinha o direito de ser mãe, e a mim, como visitadora, cabia ser sua rede de apoio, sua comunicação e seus "ouvidos". Devido ao objetivo de ter o filho de volta, a mãe se reergueu, emponderou-se, lutou e reorganizou sua vida após um relacionamento conturbado, para depois de dez meses de afastamento, isto acontecer.

Como serão as reações da criança após tanto tempo de distância? De que jeito se dará a rotina?

Quanta influencia negativa este afastamento pode ter causado na vida dos dois? Foram questionamentos presentes durante essa aproximação. Mas lembra aquela borboleta? Ela é exemplo, pois passa pela sua metamorfose e por mudanças consideradas sofridas no seu ciclo para que no final tenha sua glória por meio das cores. Com o retorno da criança foi possível ter a reconstrução do vínculo afetivo, a melhora do desenvolvimento do mesmo, assim como o aumento dos cuidados prestados a ele. Observando-os, tenho a impressão de que nunca ficaram afastados e percebo que o menino descobriu um jeito diferente de chamar a atenção das outras pessoas: movimentava as mãozinhas, seguindo o exemplo que recebe da mãe. Como visitadora, continuo prestando suporte à genitora, a emponderando em questões da maternidade. Permaneço sanando suas dúvidas, orientando quanto aos estímulos e alimentação, e ouvindo quando todos parecem não a compreender.

Através da linguagem aprendida na minha casa, conquistei sua confiança, forneci uma segurança por estar ao seu lado e sou sua maior referência em questões de saúde. Por fim, ressalto a importância de que profissionais, incluindo os da saúde, devam estar preparados para atender o ser humano de forma íntegra, respeitando suas diferenças e necessidades.

Hoje, trabalho com que realmente gosto: crianças. Quero mostrar a eles que bons hábitos alimentares são construídos na infância e que o ambiente familiar é de suma importância para isto. Entretanto, desejo ser aquela borboleta que sofre as transformações no seu ciclo. Aquela que sai do seu casulo, evolui e voa para colorir o ambiente, deixando sua marca, mesmo que seja em um pequeno jardim.

A dimensão socioafetiva no trabalho de visita domiciliar

Macrorregião: Missioneira - PIM

Autora: Daniele Winck Perussato

Município: Cruz Alta

Em uma sexta-feira em uma visita semanal, bem no início do meu contrato de trabalho, com olhar preocupado, diante das diferentes realidades sociais e da alta vulnerabilidade do público-alvo do “Programa Criança Feliz”, pois são crianças oriundas de um território de alta vulnerabilidade social. Constatei que além de serem muito vulneráveis, esse público também recebe o benefício do Bolsa Família, pela condição de extrema pobreza.

Um fato que marcou profundamente e causou comoção foi quando, num determinado dia e horário, cheguei numa determinada residência para realizar estimular atividades da família com a criança menor de dois anos e percebi que o irmão de oito estava com um machucado no nariz. Como a família tinham um bom vínculo comigo, perguntei o que havia acontecido. A mãe, constrangida, falou que ele estava muito arteiro e apanhou com a cinta, e por “acidente” a fivela cortou seu nariz. Então, diante do relato, guardei a atividade prevista de coordenação motora que faria com o irmão mais novo, peguei três folhas de ofício e tinta e expliquei que iríamos pintar as mãos. Comecei pela mão da mãe e posicionei sobre a folha, em seguida do irmão de oito e por último, do pequeno.

Contei uma história sobre o tamanho das mãos, e como as mãos da mamãe eram grandes e os meninos possuíam as mãos tão pequenas comparadas com as dela. Conversamos que todos nós crescemos e essas pequenas mãos um dia seriam grandes também, e que suas mãos são mais pesadas e que tem mais força e são para fazer carinho, pois a infância passa muito rápido, e logo eles já estariam homens e poderiam ser mais fortes que a própria mãe.

Gosto de ressaltar para as famílias, os pontos positivos dos seus elementos com comentários de como são educados, carinhosos e prestativos e que o diálogo é uma solução. Observei que a mãe agora olha nos olhos dos filhos, coisa que ela não fazia. Procuo incluir todos os presentes nas atividades planejadas, mas sei também que tenho que respeitar o que o grupo está apresentando no momento da visita, favorecendo o fortalecimento dos vínculos familiares. Com o diálogo e atividades lúdicas, apresento sugestões para a família e vejo um olhar carinhoso circular entre eles. Fiquei muito feliz com o resultado obtido e com a experiência adquirida.

Plantando vitórias

Macrorregião: Norte - PIM
Autora: Elaine Nara Soares Müller
Município: Carazinho

Eu sou uma visitadora do PIM, enfermeira de formação
que trocou agulhas por pinceis, lápis de cor, giz de cera e bolhas de sabão.
Já pisei muito no barro, atravesso sangas por vezes tendo ponte ou não
minha área é complicada quando aparece um trovão
já estive em maus lençóis enfrentando inundação
mas nos dias de sol é só contemplação lavouras lindas e verdes em constante produção
Sou uma visitadora que em algum momento posso dar uma palestra sobre cuidado e atenção
em outro instante estar em uma área com a mãe e a criança brincando sentada no chão
Amo estudar sobre alguns dos grandes teóricos da educação
Vigotsky, Bruner e Piaget quando você observando a criança diz nossa tem tudo a ver
Ainda faço muitos curativos e alivio dores da emoção
levo esperança e alegria para as famílias com muita dedicação
Empodero as famílias com a informação
as conscientizo que elas estão formando para o mundo seus futuros cidadãos
Depois de um ano no PIM fiz a seguinte previsão
"este programa é tão bom que não vai ficar só aqui no Rio Grande não
tenho certeza que muito em breve será um exemplo para a Nação"
Recebo muito carinho e gratidão
retribuo as famílias com profissionalismo, amor, respeito e dedicação
Nem tudo são flores no caminho por vezes me deparo com tristezas e decepção
coisas que você pode intervir outras em que não há solução
Muitas crianças queridas que tantos abraços me deram que não tenho como contabilizar
combustível para dias pesados em que tentam fazer acreditar
que não vale a pena lutar
Muitas pessoas tem a coragem de perguntar
"e como são as crianças?" e eu fico a pensar
daí eu respondo "são crianças como as de qualquer lugar"
Em todas as minhas andanças tem uma forma de registrar

milhares de fotografias para o meu trabalho posterizar
trabalhando a autoimagem, tenho facilidade de captar
clitando na hora exata o brilho no olhar
sempre digo e repito queria o tempo todo poder registrar
são coisas tão fantásticas que sem a fotografia seria difícil de acreditar
Um dos registros que tenho são os cuidados com a dentição
construí uma boca enorme com garrafa PET e papelão
consegui escovas de dente para distribuição
e um informativo do Ministério da Saúde para educação
Trabalho diariamente com o mesmo ideal
apostar no começo da vida é este o diferencial
Tenho muitas histórias para contar
vou escrevendo e os meus olhos começam a marejar
histórias de alegrias e outras que não gosto de lembrar
Graças a Deus tenho mais a agradecer do que reclamar
as famílias que encontrei sempre vou guardar
aqueles momentos tão lindos que não deveriam passar
Em todas as minhas andanças tenho encontrado muitas histórias de superação
um exemplo é a Elisa com um diagnóstico de muita confusão
acompanhada desde a gestação por uma grande instituição
os médicos trabalhavam em cima de uma avaliação
a família apreensiva não sabia o que fazia
será que a cabeça vai crescer por hidrocefalia
três anos já se passaram e para mais tranquilidade eu diria
diagnóstico errado agora é colpocefalia
A cabeça não cresceu como se dizia
os médicos ficam encantados com tanta sabedoria
apresentada por esta menina que nem falar se previa
eles perguntam para a mãe que diz com alegria é a profe do PIM que nos guia

Trabalhamos o desenvolvimento em toda sua dimensão
do caminhar ao falar com muita dedicação
hoje a Elisa caminha, fala, brinca e ouve com atenção
tudo o que a família ensina para a sua evolução
Elisa adora cantar e não somente em português



tenho um vídeo dela cantando também em inglês
e toda vez que a encontro quase me mata de emoção
já a encontro correndo em direção ao portão
O trabalho com as gestantes sempre vem regado com muita beleza
mas é um período de espera e cuidado que causa muita incerteza
que gera preocupação, perguntas, dúvidas, medo e inquietação
conduzo com calma e compreensão
Ver a barriga crescendo e acompanhando o pré natal
me faz mãe outra vez e isso é sensacional.
Sou alguém feliz com o que faz
Escolhi estar no PIM quando li o edital
a saúde coletiva considero essencial
São seis anos de trabalho com o mesmo ideal
acreditar em um programa de transformação social
Seis anos já se passaram e me tornei uma eterna aprendiz
grata de saber que hoje no Brasil temos o Criança Feliz.

O Instante de um momento

Macrorregião: Serra - PIM
Autor: Vinícius Cardoso Teixeira
Município: Caxias do Sul

A trajetória que me faz escrever o texto começa a ser narrada no tempo espaço em que consiste um passado. A capacitação do programa Primeira Infância Melhor mostra uma força, que me fez ter fascínio por algo que até então eu desconhecia. Uma política pública, que na prática traria resultados imediatos pensando em algo maior, uma sociedade. Capacitar-se significa estar capaz de exercer algo ou aprimorar o que já consegue-se fazer, segundo o dicionário é tornar-se apto. A capacitação da cidade onde atuo envolve a participação que vai além da prática, pois é preciso ter um envolvimento que é realmente de entrega, mas eu ainda estava por descobrir isso. O processo que consiste em aprender a metodologia e seus conceitos mostra também a prática de como é no dia a dia ser um visitador, tendo assim, um dia especial para as visitas em conjunto com visitadores que já atuam. Não é possível falar de uma autobiografia sem falar deste início, que no meu processo, já começou demonstrando a força que envolve fazer parte do programa Primeira Infância Melhor.

Lembro-me por exemplo, da alegria que foi visitar uma família, que mesmo sem me conhecer, acolheu-me muito bem. O sentimento sempre foi o de fascínio e isso só aumentou. Não foi um processo fácil, dentro das limitações que eu tinha, pois havia também o medo de não conseguir realizar um bom trabalho. A palavra "infância" também demonstrava uma força, essa infância como uma dimensão de todos os indivíduos no nosso mundo, como algo comum à todos, principalmente como um direito.

Lembro que nessa época da minha vida havia o desejo de trabalhar em algo que fizesse a diferença, já que curso Psicologia e pensava que não havia outro lugar em que eu queria estar. Para contextualizar o leitor do momento de vida em que eu passava, havia saído de um hotel, onde trabalhava e não me via mais pertencente à instituição, pior, eu não me via em nenhum lugar onde eu pudesse usar o tempo a meu favor, mas também em prol da sociedade. Uma crise existencial. O fervor de cursar Psicologia também aumentou um pouco isso.

O instante em que o PIM aparece em minha vida é o de um momento simples, mas determinante. Então, logo avisam que haverá uma capacitação para o programa. Uma fala simples que mudou minha vida. Destaco que foi um instante, pois é do instante de um momento que quero falar, já que a vida é cheia deles. Instância que as crianças do programa vivem diariamente. Um estímulo para alguém que está aprendendo, um simples momento de brincadeira, que muitas vezes faz toda a diferença na vida da criança e também da família. Estrutura-se uma criança brincando.

Estar participando desse programa, escrevendo um texto que é parte da trajetória, faz pensar em como a vida e esses momentos são determinantes. O bairro em que atuamos, chama-se Diamantino, onde o programa já havia atendido anteriormente. Uma equipe nova, com bastante desafios, mas já no primeiro dia em que fomos captar famílias, acabamos, ironicamente, captados por uma mãe que já havia sido atendida há mais de seis anos no mesmo bairro. A importância para que

algo seja eternizado e vire história é a intensidade do momento e também a disposição em que nós nos dedicamos para que esse momento seja de fato eterno.

Uma criança em sua primeira infância vive isso diariamente, já que para se construir um ego, todo segundo é importante. Nesse dia, na fala da mãe, todos que estavam presentes perceberam a força que o trabalho poderia ter, pois a dedicação de seis anos teve um reconhecimento, algo que, de certa forma, ficou registrado na história.

As crianças que são atendidas pelo PIM, em sua tenra infância, vivem isso diariamente, pois estão em construção e podem ser o que quiserem. Nós, visitantes, estamos diariamente marcando esses instantes. Lembro-me de um dia, em um dos meus atendimentos, onde os pais escreviam uma carta aos seus filhos gêmeos, de um ano e três meses. Eu pude exclamar: "Vocês vivem isso né e se divertem com isso", eles deram risadas. Os seus olhos rápidos em perceber tudo que acontece na casa, me fizeram ter certeza que eles entenderam o que eu estava falando. Eu usei a metáfora do instante, porque somos o instante desse momento todos os dias na vida dessas famílias, podendo fazer totalmente a diferença e posso dizer hoje que faço parte disso.

As crianças têm uma facilidade de viver um dia de cada vez, de estarem presentes não só de corpo, mas de alma e isso me fez resgatar esse presente, no sentido de tempo espaço que havia perdido em mim, podendo enfrentar minhas dificuldades diárias com esse mesmo pique, usando a alegria, fazendo uma coisa de cada vez, vivendo um dia de cada vez. Assim como as crianças que vivem um momento com intensidade eu acabo de eternizar esse texto fazendo brilhar mais uma vez o instante em que estou no PIM.

Quando as ostras choram

Macrorregião: Sul - PIM
Autora: Fátima de Jesus Armesto
Município: São Lourenço do Sul

Quando buscamos trabalho no início de nossas carreiras profissionais, somos incapazes de imaginar os tipos de vivências que vamos ter, se vamos ser felizes, exitosos, se o trabalho será duradouro... tantas dúvidas, que povoam nossos dias. Estas mesmas dúvidas me visitaram sim no início, mas elas foram necessárias para firmar as minhas certezas, certeza de que fui e sou feliz no que faço.

Quase cinco anos e seis meses de trabalho no Programa Primeira Infância Melhor... ah!!! Falar disto, não é fácil, dá um nó na garganta e uma lágrima involuntária teima em aparecer. Neste período, experimentei tantas coisas, vivi intensamente cada momento, vi pessoas chegarem, vi outros partirem, presenciei situações onde ao mesmo tempo, sorri e chorei. Quando digo que chorei foi porque a emoção me pegou de um jeito que não tive escapatória. As pessoas normalmente entendem o choro como algo triste, mas na verdade ele é o transbordar da emoção mais pura.

Na vida passamos por muitos encontros e alguns desencontros, mas uma família em especial me encontrou há cerca de três anos, atendo uma família que possui uma riqueza de menininha "especial" ela possui uma deficiência que lhe causa atraso significativo em todas as áreas de desenvolvimento. Vamos chamá-la de "Pérola", pois para mim a pérola nada mais é que o choro de uma ostra tentando superar suas adversidades, por mais que seus limites lhe imponham sofrimentos, ela faz destes, um objeto recoberto por finas camadas de cuidado, atenção e refazimento, produzindo da dor seu maior valor.

Na época em que nos conhecemos, "Pérola" não sentava, não falava e não interagia com as pessoas. Um desafio hercúleo para quem trabalha com desenvolvimento infantil, como nós visitantes do PIM. Hoje, ela está com cinco anos, apresenta firmeza no tronco, senta sozinha, caminha com ajuda, fala palavras soltas, entende e compreende tudo ao seu redor. Ela é atendida na APAE, frequenta a Escola de Educação Infantil e uma vez por semana a família recebe o PIM. Este último, o momento mais feliz da minha semana.

A cada avanço dela, eu vibro porque sei o quanto é difícil para ela superar cada obstáculo com tantas limitações, mas vê-la a cada semana um pouco mais desenvolvida, me faz acreditar que tudo é possível e que nosso futuro é sim, nossas crianças.

Ser visitadora do Programa Primeira Infância Melhor me trouxe conhecimentos que eu desconhecia, me fez perceber que há outro mundo além de mim, além do "meu mundo", me fez acreditar que tudo é possível, nada é para ontem, que os avanços são a passos de formiguinha, mas acreditem, um dia acontece e quando se vê, ahhh! É o que há de mais reconfortante, saber que o pouco que eu consigo fazer, faz a diferença para a família e especialmente para ela, eis o maior reconhecimento.

Se pudéssemos explicar ou traduzir o trabalho que realizamos neste Programa poderíamos usar as palavras: desenvolvimento, compreensão, dedicação e muito amor.

Hoje, vibro por mais pessoas que acreditem no amanhã e no outro. Por mais "Pérolas" na minha vida.



As emoções de ser visitadora do Primeira Infância Melhor

Macrorregião: Vales - PIM

Autora: Bruna de Moura Cardoso

Município: Bom Retiro do Sul

Eu acredito nas pessoas, na capacidade de se reinventarem, fortalecerem e novamente florescerem. Acredito também no dom de ouvir, ouvindo se compreende e entende. Ao iniciar as atividades no Primeira Infância Melhor, conheci a realidade das famílias do meu município, Bom Retiro do Sul. Todas as famílias são muito diferentes, cada uma com suas vivências, mas todas têm algo em comum, a necessidade de serem ouvidas. Notar que o simples fato de ouvir, pode mudar o dia, a semana, a vida de famílias, mudou também o meu modo de relacionamento. A partir do momento em que a feição triste se transforma, dando lugar ao sorriso, com olhos brilhantes e esperançosos, entendo que fiz a diferença e que estou no lugar certo.

Certa vez, ao chegar para uma visita em um lar muito simples, percebo que algo não está bem, sendo impossível seguir o planejamento realizado para aquele dia. Quando a mãe foi questionada sobre o que aconteceu, às lágrimas desceram. Desabafou, enquanto seu filho brincava.

A criança sem entender vendo a mãe chorar, também chorou. Contou a história da sua vida e família, falou de seus medos e angústias. No momento só pude ouvir e entender, mas isso para ela era muito valioso. Após muita conversa, a situação foi mudando e ao me despedir, já vieram sorrisos e abraços. Este episódio me fez pensar na grandiosa intervenção que, nós visitantes, fazemos na vida das famílias atendidas, como também, na responsabilidade que carregamos. Eu que sempre quis fazer a diferença na vida das pessoas, hoje percebo que o Primeira Infância Melhor me proporcionou isso e muito mais, pois as famílias também fazem a diferença na minha vida. É lindo perceber que para colorir a vida das pessoas e das nossas crianças, é preciso pouco. Um sorriso, um abraço, carinho e atenção são valiosos para eles.

Admiro a garra e determinação de todas as famílias das quais realizo visita, passam por dificuldades das mais tristes, porém, enfrentam tudo com muita determinação e vontade.

A felicidade dos filhos é a dos pais, desta forma, o trabalho que realizo como visitadora é muito reconhecido, as famílias aguardam ansiosamente o dia da visita. Com o empenho dos pais



nota-se a evolução contínua das crianças e o desenvolvimento de vínculo familiar ainda mais forte.

O trabalho desenvolvido com as gestantes gera emoções diferentes e também encantadoras. Acompanhar a espera pela chegada de um filho, participar das emoções, do carinho e ansiedade da família, é uma experiência inesquecível como visitadora. O nascimento evidencia uma nova fase na vida da família, um amor ainda maior nasce. Lembro de participar dos primeiros passos de uma criança de um ano de idade, foi surpreendente e encantador para a família, para mim também.

Estes seis meses de estágio no Primeira Infância Melhor foram de grande crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Levarei sempre comigo as histórias vivenciadas, aprendizagens e recordações de momentos felizes. Acredito que ainda virão muitas outras histórias, que irão me surpreender e cativar, proporcionando muita felicidade e transbordando em sorrisos. Seguirei sempre com o mesmo objetivo e acreditando nas pessoas.

Crônicas Premiadas

Agente Comunitário de Saúde (ACS)

O trabalho do Agente Comunitário de Saúde tem grande importância para a qualificação da APS, sendo o acompanhamento da saúde da criança e a vigilância do desenvolvimento infantil uma de suas atividades. Este profissional acompanha todas as famílias de sua área de atuação, desenvolvendo ações de prevenção de doenças e agravos e de promoção à saúde como, por exemplo, o incentivo ao cumprimento do calendário vacinal, a busca ativa dos faltosos às vacinas e consultas, a prevenção de acidentes na infância, o incentivo ao aleitamento materno, que é uma das estratégias mais eficazes para redução da morbimortalidade (adoecimento e morte) infantil, contribuindo para a atenção integral à saúde da criança.

Estratégia Saúde da Família

A Saúde da Família é a principal estratégia para o desenvolvimento da Atenção Primária à Saúde (APS), sendo composta por equipes multiprofissionais que atuam a partir do território. A APS deve ser o contato preferencial dos usuários, a principal porta de entrada e centro de comunicação com toda a Rede de Atenção à Saúde por favorecer a reorientação do processo de trabalho com maior potencial de aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção primária. Para isso, a Estratégia de Saúde da Família se organiza para o acolhimento e escuta do usuário, ampliando a resolutividade e impactando na situação de saúde das pessoas e coletividades devendo ser capaz de intervir nos problemas mais frequentes da população e/ou diminuir danos. A construção do vínculo e do cuidado longitudinal permite o aprofundamento do processo de corresponsabilização pela saúde.

Cicatrizes do trabalho de um ACS

Macrorregião: Metropolitana -ESF

Autora: Vanja Silva Leal

Município: Viamão

Sou ACS desde 2004 em Viamão e a história que vou narrar aconteceu comigo no ano de 2007. A antiga moradora sede sua casa para uma pequena família, a qual eu fui fazer o cadastro domiciliar e antes de chegar no domicílio e , eu já sabia, por morar na mesma comunidade, que esta família tinha vários problemas , entre eles o uso de drogas, álcool e a falta de vontade de ter um trabalho fixo.

A família composta por uma jovem mãe, um pai mais jovem ainda, e uma filha que quando comecei atender tinha 1 ano. Após fazer o cadastro domiciliar e explicar como seria meu trabalho e como poderia tentar ajudar a família, iniciei as visitas mensais. Apesar de todas as orientações e conversas a mãe ficou grávida .

Nessa época eles ainda estavam com dificuldades financeiras, tendo como renda familiar somente pensão deixada pelo pai (que na verdade era o avô) da jovem mãe, pois o marido estava sem fazer seus "bicos" devido a recaída no uso de drogas e álcool. Fiz todos os encaminhamentos possíveis e necessários para que a família pudesse ter uma qualidade de vida um pouco melhor, mas as coisas ficaram bem difíceis já que a mãe não estava se ajudando, pois nem nas consultas de pré natal ela queria ir. Foram várias buscas ativas em função de falta nas consultas, aos exames, vacinas que não haviam sido feitas,... Enfim, por mais que eu conversasse, explicasse, e às vezes até tenta-se intimidá-la, ela sempre tinha uma desculpa.

Então, em 28/02/07 nascia o Davi (nome fictício) prematuro e baixo peso. Com isso minhas visitas ficaram mais frequentes, pois eu percebia que a jovem mãe estava bem chateada por ter que cuidar o bebê e mesmo já sendo mãe de outra criança, havia ali falta de afeto, amor, carinho, cuidados básicos com aquele bebê, os quais tive que orientar e tentar fazer com que a mãe pudesse sentir algo pela criança. Digo com certeza, que foi muito difícil para mim, entender como uma mãe não consegue demonstrar amor e carinho por seu filho. As vizinhas, apesar de não terem um convívio muito bom com a família, se sensibilizaram com a situação precária e começaram a ajudar com alimentos, fraldas, leite e até com dinheiro em espécie.

Na época minha enfermeira fez uma folha de acompanhamento das crianças (Ficha C), nela continha todos os dados do RN, a data da consulta, peso, tipo de aleitamento, vacinas feitas desde a última visita e data que foi feita a visita. Esse controle era passado para a enfermeira no

final de cada mês junto com a Ficha de Atendimento (FA) assinada pela mãe ou responsável pela criança. E foi essa ficha que veio a me tirar de um aperto mais tarde.

Davi foi crescendo e não ganhando peso, a mãe começou a deixá-lo várias horas sem trocar e amamentar, deixava ele sozinho em casa, várias internações por problemas respiratórios. Minhas visitas ficaram mais difíceis já que ela não permitia que eu visse a criança, sempre dava desculpas, dizia que ele estava bem, que estava dormindo, que o pai havia saído e levado ele ou simplesmente que não poderia me atender. Os vizinhos já não ajudavam tanto.



Até que aos 9 meses de idade Davi, não suportou e faleceu, amanheceu morto no meio dos pais.

Para mim, aquela notícia foi um choque, algo que mexeu muito comigo, e que me fez questionar e pensar em abandonar meu trabalho, pois fiz de tudo pela família, acionei todos os meios que o município oferece para este tipo de caso, e mesmo assim Davi, havia morrido.

O socorrista da SAMU que atendeu a chamada na época, referia que a criança provavelmente morreu sufocada durante o sono de seus pais e, a mãe nem parecia que tinha perdido um filho, ao contrário parecia estar aliviada. Os dias passaram e continuei acompanhando a família, me sentia conformada pois sabia que, eu como profissional e a equipe pela qual trabalho até hoje tínhamos feito de tudo por aquele bebê. Minhas visitas agora eram focadas na mãe, pois temia que ela pudesse ficar depressiva, mas isso não veio a acontecer. Dois meses após o óbito, minha enfermeira e eu recebemos um comunicado da Coordenação que a jovem mãe estava na Secretaria da Saúde dizendo que seríamos processados pela morte de seu filho.

Conversei com ela para saber o motivo que a levou a agir assim, e ela disse que sem o bebê as pessoas não sentiam mais pena dela, então queria utilizar a morte de Davi para conseguir dinheiro. Para mim foi muito triste saber que a jovem mãe só queria dinheiro, que a perda de seu filho era apenas uma forma de obter "renda".

Então, reunidos fizemos um relatório descrevendo todos os atendimentos que cada integrante da equipe realizou com os cadastrados em questão, anexando xerox do prontuário familiar e a partir desse relatório a jovem mãe decidiu não seguir com o processo.

Esse fato serviu para mostrar o quanto é importante que todo o trabalho realizado seja registrado em prontuário e no caso dos ACS inseridos no Sistema de Visitas Domiciliares com a devida evolução, tanto das queixas quanto das orientações dadas sempre respeitando o outro.

Uma História de Luta pela Vida

Macrorregião: Missioneira -ESF
Autora: Ernestina de Fátima Berta
Município: Cruz Alta

Eu Ernestina de Fátima Berta, agente comunitária de saúde a sete anos, em minha caminhada profissional enfrentei diversos desafios junto às famílias que acompanho, em especial venho relatar a história de luta por uma vida.

Como diz Guittfreind, Celso (org). A Obra de Salvador Célia, Porto Alegre: Artmed, 2013, pg.81 "podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo, a partir da própria experiência nele vivida", experiência esta que vivi e nunca sairá de minha memória.

Acompanhava eu, a paciente J.E., que aos seus trinta e seis anos de vida, realizou um procedimento cirúrgico bariátrico e colocação de DIU, seis meses após, descobre estar grávida. A mesma procura a estratégia de Saúde da Família para receber orientações. E o momento que seria de muitas alegrias começou com muita luta, J.E. estava com uma gravidez de risco, foram semanas, meses de muito repouso e preocupação.

Quando completou vinte e oito semanas, entrou em trabalho de parto prematuro, e a luta continuou.

Nasceu N.E.O, com vinte e oito semanas de gestação, um quilo cento e trinta gramas, trinta e cinco centímetros de comprimento, ou seja prematuro, e mais uma luta iniciou, a luta incansável por um leito de UTI pré natal, cinco horas depois, intubado, conseguiu se a transferência do recém nascido.

Sendo este, transferido para UTI NEONATAL, na cidade de Santa Maria RS, a cento e trinta quilômetros da sua cidade origem, onde ele permaneceu por cinquenta e quatro dias em estado crítico, chegando a pesar novecentos gramas, com diagnóstico de infecção generalizada, mas cada dia era uma vitória.

Aos trinta e cinco dias a ligação que não queríamos receber, o caso de N.E.O se agravou, muitas orações, fé e esperança era o que restava a todos, amigos, familiares e a mim que desde a sua formação já o acompanhava.

Mais uma vez ele venceu, logo foi extubado e passou a fazer uso apenas de oxigênio, começou a ganhar peso para nossa alegria.

Depois de cinquenta e oito dias teve seu primeiro dia sem oxigênio, passado oitenta dias

teve uma recaída, novamente voltou a fazer uso do oxigênio, mais um susto, mas ele foi guerreiro, sempre nos surpreendendo, ganhando peso e reagindo.

Embora ganhando peso, continuava sempre tendo como parceiro o oxigênio.

Enfim noventa e sete dias de neonatal, o grande dia chegou, o dia que tanto esperávamos, então N.E.O. recebeu alta hospitalar.

Sua chegada em casa foi a maior alegria que podemos sentir, a família os amigos, conhecidos e eu como profissional, que o acompanhava.

Hoje N.E.O está com quatro anos, nunca deixei acompanhar seu crescimento, criança alegre, carinhosa e cheia de vida.

Então, eu pergunto por que tantas pessoas abandonam seus filhos, mal tratam, e ainda há aqueles que matam?

Assim sigo minha caminhada eu, Ernestina de Fatima Berta na busca incansável de manter a manutenção da saúde da comunidade ao qual sou responsável.

Tenho este relato como a obra de um ser superior, que supera a nossa natureza e compreensão, Uma história de luta pela vida, que nunca deixarei se apagar.



Assim nasceu Bibiana

Macrorregião: Norte - ESF

Autora: Lucir Bullé

Município: Tapera

Eu, Lucir, sou agente comunitária de saúde da Equipe de Saúde da Família Bem Viver Centro há cerca de 15 anos. Tenho dois filhos, Adriana e Júlio. Minha filha em 2012 resolveu, juntamente com seu esposo, ter mais um filho, pois já era mãe de Kaua na época com quatro anos e percebia que seria bom que ele tivesse um irmãozinho(a).

A notícia da gravidez foi recebida com muita alegria por todos nós, especialmente por mim que seria avó novamente e, como agente de saúde também da minha filha, a acompanharia mais de perto.

O pré-natal foi iniciado na Unidade Básica de Saúde com brevidade, por Adriana já ser hipertensa em uso de medicação contínua e na época a gravidez ser considerada de alto risco. Nesse período gestacional, minha filha foi internada várias vezes por alterações na pressão arterial.

O encaminhamento para pré-natal de Alto Risco foi imediato, seguindo suas consultas nesse serviço e também na ESF Bem Viver Centro.

Eu, mesmo com toda a experiência, entendimento e apoio da equipe que eu pertencia e que acompanhava com muito profissionalismo a Adriana, sentia-me angustiada e muito preocupada com a gravidez e a saúde do bebê. Logo tive a notícia que seria uma menina. Como ACS, nesse período de gravidez da Adriana, estava sendo propiciado como capacitação um curso de Amamentação e nesse curso em uma das dinâmicas realizadas, deveríamos utilizar uma boneca para treinar as técnicas. Escolhi uma boneca e dei a ela o nome de Bibiana. Imagine a minha surpresa quando, ao apresentar a boneca Bibiana para meu neto Kaua, ele ter escolhido esse nome para a irmãzinha que iria nascer.

Depois de muitas dificuldades e preocupações, no dia 03-01-2012 minha filha deu à luz à Bibiana de parto cesariano devido a sua prévia hipertensão. Felizmente ocorreu tudo bem e juntamente com essa nova vida nosso ano também se iniciou com mais esperança e alegria.

Porém, em uma consulta rotineira de puericultura, a médica observou certa dificuldade no andar da pequena Bibiana. Minha neta foi encaminhada ao ortopedista que fez o diagnóstico de "pé chato".

Não convencida com o diagnóstico, junto com seus pais, levei Bibiana em um ortopedista

pediátrico que após inúmeros exames constatou que ela teria sofrido uma pequena “paralisia cerebral espástica” que atingiu os movimentos das pernas, onde seu correr era em forma de tesoura.

Aqui se iniciou uma batalha para o tratamento que consistiu em cirurgias, uso de bota ortopédica, fisioterapia e aplicações de botox (2015) quando Bibiana tinha três aninhos.

Aos cinco anos, em 11-2017, outra cirurgia para “alongar” o tendão de Aquiles.

Durante todos esses anos, em todas essas intervenções, a Bibiana se mostrou uma menina batalhadora, amorosa, paciente e feliz, me ensinando muitas coisas sobre superação e felicidade.

Hoje continua usando a bota ortopédica, fazendo fisioterapia, acompanhamentos médicos, mas apesar disso, leva uma vida normal, vai à escola, pratica esportes, dança balé, entre outras atividades.

Posso dizer que apesar de já ter vivido muitos anos, trabalhado muito com crianças e famílias, com minha neta tive um aprendizado essencial para minha vida pessoal e profissional: superar as dificuldades com coragem e alegria.

Essa é uma história de minha vida.

É brincando que se aprende a combater o mosquito

Macrorregião: Sul – ESF

Autor: Paulo Henrique Ferreira Rodrigues

Município: Aceguá

Eu sou Paulo, agente comunitário de saúde no município de Aceguá, com mais ou menos 4500 habitantes. Há 11 anos trabalho na equipe estratégia saúde da família e quero fazer o relato de uma vivência desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental Conquista do Jaguarão. Me desloquei até esta escola com o propósito de levar um pouco do meu conhecimento sobre este trabalho, que são ações de enfrentamento contra o mosquito *Aedes aegypti*. Esta escola está localizada no Assentamento Jaguarão no interior do município onde existem muitas famílias carentes. A proposta do trabalho foi levar e desenvolver ações com estas crianças para que as mesmas tenham conhecimento sobre o mosquito e levem estes saberes para a suas famílias, sendo multiplicadores. Fiz um trabalho com um grupo de crianças, passei para eles um vídeo mostrando o ciclo de vida do mosquito aedes. Após o vídeo tivemos uma roda de conversa sobre o assunto, entreguei material informativo explicando e orientando as ações que deveriam ser tomadas por cada família em suas casas.

Pois cada um deve ser responsável por suas moradias, para nosso bem-estar e saúde de todos. Após esta conversa, eu os convidei a realizar uma atividade externa. Em primeiro lugar mostrei a eles possíveis locais propícios a focos de criadouros do mosquito. Levei de casa uma sacola com recipientes descartáveis que acumulassem água: garrafa pet, potes de plástico, garrafinha de bebida, casca de ovo e etc. distribui o material ao redor do Colégio para fazer uma gincana separando as crianças em 2 grupos pois o grupo que mais achasse recipientes seria o vencedor. Foi simplesmente fantástico, criança feliz é criança se movimentando. O resultado foi ótimo porque de duas sacolinhas de mercado que eu levei, no final da gincana os grupos conseguiram juntar muito mais do que foi colocado, fazendo assim uma verdadeira limpeza ao redor da escola, sempre acompanhados por mim. Também realizei com eles jogos com grupos de três, entreguei materiais informativos e educativos para que eles levassem para casa e orientei o que deveria ser cuidado e revisado em suas casas.

No final desta atividade pensei em propor para escola dedicar 10 minutos de cada sexta feira para realizar uma inspeção nos arredores com a participação das crianças e elaborar um relato mensal visando que com este trabalho os alunos se conscientizem e cuidem mais do âmbito escolar e também do lar onde as mesmas residem. Fiquei muito satisfeito com o trabalho

que desenvolvi. Descobri que as crianças absorvem as informações muito rápido tendo a resposta na ponta da língua a respeito do assunto que foi tratado. Foi uma experiência maravilhosa para mim como profissional da saúde poder levar conhecimento para estes pequenos que estão como umas esponjinhas absorvendo todo e qualquer conhecimento! Felicidade é chegar nas visitas domiciliares e escutar o relato dos pais dizendo que seus filhos chegaram em casa vasculhando os pátios procurando foco do mosquito e virando todos os recipientes para evitar o acúmulo de água, lavando os pratinhos dos seus cachorrinhos, ensinando amigos e vizinhos no combate ao mosquito! Nas atividades que desenvolvo vejo o quanto meu trabalho é gratificante e fazê-lo cada vez mais com amor.





Prêmio Salvador
Celia

Estado do Rio Grande do Sul
PALÁCIO PIRATINI
Praça Marechal Deodoro, s/n
Porto Alegre - RS
Site: www.rs.gov.br
Fone PABX: (51) 3210.4100

Primeira Infância Melhor - PIM
Av. Borges de Medeiros, 1501,
6º andar - Porto Alegre - RS
E-mail: pim@saude.rs.gov.br
Site: www.pim.saude.rs.gov.br
Fones: (51) 3288.5853 / 5955 / 5887

Atenção Básica do RS
Av. Borges de Medeiros, 1501
5º andar - Porto Alegre - RS
E-mail: atencaobasica-esf@saude.rs.gov.br
Site: atencaobasica.saude.rs.gov.br
Fone: (51) 3288-5904 / 5905

